

Traducianismo

Gordon Haddon Clark

Original: <http://www.trinityfoundation.org/journal.php?id=56>

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto e Márcio Santana Sobrinho

As várias doutrinas teológicas são tão entrelaçadas que às vezes é difícil saber em que ordem discuti-las. Como um professor certa vez disse de uma obra sobre filosofia (e sem dúvida de todas as obras sobre filosofia, assim como de teologia), uma pessoa não pode entender o primeiro capítulo até que ela tenha entendido o último. O teólogo do século dezanove, W. G. T. Shedd, preparou para os assuntos que acabamos de discutir em nossas seções anteriores um longo trecho sobre a origem das almas individuais. Ele o pôs em seu capítulo sobre “Criação.” A. A. Hodge poderia ter feito o mesmo, pois ele sustenta a criação imediata de cada alma humana no momento da concepção. Mas Shedd sustenta que as almas das crianças são tão derivadas dos seus pais como o são os seus corpos. O projeto do presente tratado é conectar a origem das almas com a representação federal e a imputação da culpa de Adão. A origem das almas foi mencionada nessa seção, sua discussão foi adiada.

A. A. Hodge

A. A. Hodge é um criacionista. Ele ensina que cada alma humana sucessiva é criada imediatamente¹ por Deus em bilhões de casos, bilhões de atos distintos de criação. Mas sua defesa dessa posição e seus argumentos contra o Traducianismo são ambos cheios de dificuldades. Em primeiro lugar, ele reconhece que “sem se aprofundar no Realismo, parece provável que a representação divinamente ordenada... é condicionada sobre a unidade genérica dos homens como constituindo uma raça propagada por geração”. Note o termo *propagada*. Isso significa que o Traducianismo é no mínimo plausível. Mas Hodge não quer “se aprofundar no Realismo”. Mas se não, então o que? Qualquer um que já tenha feito um curso introdutório de filosofia sabe, ou deveria saber, que Aristóteles e John Locke propuseram um método empírico pelo qual a observação sensorial poderia ser transmutada em conceitos abstratos, que conseqüentemente formariam a base para proposições universais. Mas Aristóteles nunca explicou o método; ele dependia de uma ilustração de um exército em tumulto. Locke foi mais específico, mas Berkeley demoliu seu argumento. Conseqüentemente, os leitores mais filosóficos podem aqui desejar considerar se a unidade genérica sugerida por Hodge pode ser produzida sem se adotar o Realismo que ele detesta. Quanto ao próprio Cristo – embora o Traducianismo, operando através de Maria somente, possa explicar a sua alma humana – sua representação federal não pode ser justificada, nem pelo Criacionismo, nem pelo Traducianismo. Nem pelo Criacionismo, porque mesmo que sua alma humana tivesse sido uma criação especial, é a Pessoa e não apenas a natureza humana que é o cabeça federal. Nem pelo Traducianismo, porque Cristo não teve descendentes. Mas este não é o caso de Adão.

¹ Nota do tradutor: O autor usa o termo “imediato” e seus derivados com o significado de algo realizado “sem medição” e “mediato” e seus derivados com o significado de algo realizado “com mediação”.

Uma razão pela qual A. A. Hodge faz tal defesa tão pobre do Criacionismo é seu imperioso impulso em refutar o Realismo. Ele diz assim: “A doutrina de que cada alma é de forma separada e imediata criada por Deus no momento da concepção² é óbvia e absolutamente incompatível com a visão Realista da natureza humana. *Nenhum Criacionista por ser um Realista*”. Não estou certo de que esta enfática afirmação esteja completamente correta. Primeiramente, pode ser possível que um Criacionista e um Realista concordem quanto à constituição da natureza humana sem que concordem quanto à origem imediata de cada alma. Nem é verdade que cada Realista concorda com Platão. Shedd certamente crê que Deus criou o mundo, e ele não crê na pré-existência das almas; enquanto que Platão não deixou brecha para qualquer divindade estritamente criativa. Além de tudo, Agostinho era um Realista, e ele argumentou fortemente contra Plotino em favor da criação.

Visto que Hodge se opõe tão fortemente ao Realismo, alguém pode se opor a Hodge sobre essa base. Por exemplo, a teoria da imaginação, pela qual Aristóteles tentou produzir conceitos que conseqüentemente fariam os juízos universais possíveis, está aberta à ataque devastador.³ Então se o Conceptualismo Aristotélico é rejeitado, só o Realismo e Nominalismo permanecem; e esse último reduzirá a Trindade ao tri-teísmo ou ateísmo. Porém a refutação mais direta, e a mais apropriada para o presente tratado, é o material bíblico.

Hodge parece pensar que o Traducionismo é inconsistente com a representação federal de Adão: “Calvino...[et al.] adiciona a afirmação de que estávamos em Adão representativamente; que nós realmente e verdadeiramente pecamos nele porque seu pecado é nosso pecado, realmente e verdadeiramente nosso pecado nos que diz respeito à sua responsabilidade federal”. Mas longe de negar sua representatividade federal, o Traducionismo oferece até mesmo uma possibilidade, uma explicação provável do porquê Deus escolheu Adão para ser nosso representante federal. O Criacionismo permite somente uma conexão física ou corpórea, não uma espiritual, entre nós e Adão.

Hodge ainda cita a “corrupção hereditária”. Mas como pode haver corrupção hereditária se cada nova alma é uma criação imediata? Certamente Hodge não se ajuda com suas disjunções incompletas. Em duas páginas sucessivas ele argumenta: “esses homens [Calvino, Beza, Terretin] não eram Realistas... eles explicaram especificamente... que estávamos em Adão *representativamente*”. As premissas ocultas de Hodge são (1) que a representação federal é impossível no Realismo, e (2) que o fato de ser Adão nosso representante não pode ser harmonizado com o Traducionismo. Essas duas premissas são claramente falsas, pois o Traducionismo não só aponta, mas também é bem sucedido ao fazer o representacionismo mais facilmente compreendido. Os dois não formam uma disjunção excludente como Hodge sustenta.

Outro argumento pobre imediatamente aparece. “Se o gênero inteiro estava em Adão, a raça anti-diluviana inteira estava, no mesmo sentido, em Noé. Se somos co-agentes culpados no primeiro pecado de um... devemos ser... culpados de cada um dos pecados de Noé”. Esse parágrafo abunda de confusão. Primeiro, nós somos de fato descendentes de Noé. Segundo, o gênero inteiro estava em Noé, e está em nós também. De outra forma, não seríamos seres humanos. Como Platão tão claramente disse em seu

² Note bem que essas palavras absolvem de acusação de má representação todo aquele que diz que o criacionismo ensina a criação *imediata* de toda e cada alma.

³ . Compare meu *Three Types of Religious Philosophy* [Três Tipos de Filosofia Religiosa], capítulo 3. Veja também meus outros livros.

Parmênides, a Idéia, ou gênero, não é como um toldo ou tenda na qual cada homem está diretamente abaixo somente de uma parte da cobertura. A Idéia ou definição deve ser completa em cada caso individual, ou – no melhor da linguagem platônica – cada homem deve participar na Idéia toda.

Mas isso de forma alguma implica que somos culpados – muito menos de cada um – dos pecados de Noé. De fato, não somos culpados nem mesmo dos pecados de Adão, isto é, do seu segundo, terceiro e quarto pecado. Somos culpados somente do seu primeiro pecado. Simplesmente porque o cabeça federal de toda a raça humana deve ser, ou mais apropriadamente, é seu ancestral, não quer dizer de forma alguma que cada ancestral deve ser um cabeça federal. A lógica de Hodge é ruim, muito ruim. Na verdade ele está aplicando a conversão simples à uma afirmação universal. O ponto é que Deus escolheu Adão como o cabeça federal da raça; ele não escolheu Noé para tal. Tivesse ele escolhido Noé e não Adão, então os anti-diluvianos não teriam sido culpados do pecado de Adão. O Traducianismo é uma explicação plausível da representatividade federal, mas ele não requer dois ou mais cabeças federais para tornar a raça culpada.

O fracasso de Hodge em refutar o Traducianismo, e o Realismo, não prova que essas duas teorias são verdadeiras. Pode haver objeções melhores do que aquelas que Hodge fez. Eu ainda não tive a sorte de conhecer alguma. Contudo, a decisão de uma pessoa deve ser baseada na Escritura. E há de fato passagens escriturísticas que, para colocar de forma modesta, parecem favorecer mais Shedd do que Hodge.

A Evidência Escriturística

Shedd divide seu argumento a favor do Traducianismo em três partes: (1) Escritura, (2) Teologia Sistemática, (3) Fisiologia. A terceira parte pode ser interessante, mas é inútil. A primeira e a segunda parte são a mesma coisa. A segunda simplesmente organiza a primeira. Portanto, Shedd e o presente tratado baseiam o caso na Escritura.

Shedd começa: “A Bíblia ensina que o homem é uma espécie, e a idéia [ou definição] de uma espécie implica a propagação do indivíduo inteiro a partir dela”. Isso foi o que se quis dizer uma página atrás na referência a uma tenda de cobertura na Parmênides de Platão. Que a raça humana é uma espécie, Shedd defende pelo uso do termo homem em Gênesis 1:26-27. Observe que Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio... homem e mulher os criou”. O homem ou Adão não se tornou um substantivo masculino apropriado até Gênesis 2:19. Observe também que Gênesis 46:26 fala das “almas que vieram com Jacó ao Egito, que saíram dos seus lombos”.⁴ Shedd cita também dezenas de versículos do Novo Testamento. Quando Eva foi tirada do lado de Adão, não há nenhuma menção da criação de uma segunda alma. Eva saiu totalmente de Adão (1 Coríntios 11:8). Isso apóia a visão de que cada filho de Adão e Eva nasceu totalmente como um membro da espécie. A pessoa inteira, não apenas seu corpo, é propagada.

Uma pessoa pode objetar que a nova alma foi imediatamente criada, sendo que essa sua criação simplesmente não foi mencionada. Réplica: Doutrinas não devem ser baseadas no silêncio.

Não é o meu desejo resumir as cinquenta ou sessenta páginas de argumentos escriturísticos oferecidos por Shedd. Sua obra é facilmente obtida e o estudante é

⁴ Nota do tradutor: A ARC trás “almas que vieram com Jacó ao Egito, que descenderam dele”.

encorajado a estudá-la. Contudo, quer encontradas em Shedd ou em outro lugar, é necessário mais duas ou três referências em Gênesis.

Que a propagação da raça é somente corpórea, e não espiritual ou mental também, que somente o corpo da criança, e não sua alma, vem dos seus pais, parece ser negado em João 3:6: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do espírito é espírito”. O verbo grego – ocorrendo duas vezes nesse versículo, e cinco vezes no contexto – é *gennaō*, gerar. Ele é o mesmo verbo que alguém encontra em Mateus 1:1-16. Em João 3:6 Cristo está falando para Nicodemos, e “o que é nascido da carne é carne” é a alma não-regenerada de Nicodemos, e não seu corpo físico. O verbo indica que Nicodemos recebeu sua alma não-regenerada de seus pais. Isso impede a interpretação de que *sarx* (carne) significa simplesmente a natureza corpórea do homem. Nem o uso com relação a Nicodemos permanece sozinho. Ao lermos Mateus 24:22⁵ pode parecer que o versículo se refere apenas ao corpo, mas o encurtamento dos dias mau preservará a vida e a alma também. Lucas 3:6, “e toda carne verá a salvação de Deus”, não pode se referir a um corpo físico. Nem deve sempre *sarx* se referir a uma alma pecaminosa: para retornar à João novamente, 1:14⁶ diz que a Palavra se fez carne (*sarx*). Considere: A Palavra não tomou meramente um corpo físico para si; ela também tomou uma alma inteligente ou racional. Ela recebeu ambas, [a carne e a alma], através de Maria. Similarmente, *sarx* em João 17:2⁷ não significa o corpo, certamente não o corpo somente; antes, significa que Jesus dá vida eterna às almas. *Sarx* algumas vezes significa a natureza depravada do homem, mas isso somente reforça o ponto de que a palavra significa a alma. Um corpo não pode pecar. Portanto, a alma de Nicodemos veio de seus pais.

João 1:14 já foi mencionado, mas uma pessoa deveria notar também que o versículo precedente nega que o nascimento espiritual dependa de hereditariedade (“não nasceram do sangue”); mas embora o nascimento espiritual não seja explicitamente mencionado, o versículo implica que o nascimento natural depende [da hereditariedade]. Por conseguinte, tanto a alma como o corpo depende dos pais. A alma, bem como o corpo, nasce (compare novamente 3:6).

Atos 17:26 não diz que Deus fez de um sangue todas as nações com respeito aos seus corpos somente. O versículo seguinte, com sua frase “buscassem ao Senhor”, claramente inclui a mente ou a alma do homem. Shedd e outros citam outros versículos que estudantes interessados podem examinar. A acumulação de versículos é importante porque alguns criacionistas dão a impressão de que o Traducionismo tem somente uns poucos versículos à seu favor,⁸ quando na verdade o número é considerável.

O argumento mais importante para o Traducionismo é baseado em Gênesis 2:2-3. “Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra... e ao sétimo dia descansou” (Êxodo 20:11). “E repousou Deus de todas as suas obras [*apo pan to ton ergon*]” (Hebreus 4:4).

Talvez o leitor permitirá um parágrafo de Charles Hodge também. No Volume II de sua *Systematic Theology*, 68ss., ele discute Traducionismo e Criacionismo. A maior parte da

⁵ “E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias”.

⁶ “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”.

⁷ “Assim como lhe deste poder sobre toda carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste”.

⁸ Louis Berkhof, *Systematic Theology*, 200, “As poucas passagens escriturísticas...”, “nenhum ensino claro da Escritura...”. Pelo menos Berkhof é honesto o suficiente para aplicar essas considerações a ambas as visões.

seção sobre o primeiro depende do alegado silêncio da Escritura sobre o assunto: As várias passagens que os traducianistas usam, ele reivindica, são inconcludentes. Ele ainda afirma: “Os advogados mais instruídos e leais do Traducianismo admitem que as Escrituras estão silentes sobre o assunto” (68). Isso significa, certamente, que Shedd, que usou passagens da Escritura, ou não era instruído, ou não era leal. Hodge entende que a palavra carne, naquelas passagens já citadas, significam precisamente o corpo em contraste com a alma. Então, quando ele chega à transmissão da depravação inata, e à dificuldade de pensar que Deus cria imediatamente almas pecaminosas, ele apela às causas secundárias e mediatas, abandonando assim a idéia de criação imediata: “Não sabemos como a agência de Deus está relacionada com a operação das causas secundárias, até onde essa agência é mediata, e até onde ela é imediata” (69). Certamente isso é uma rendição ao Criacionismo. Os traducianistas são dispostos a dizer que as almas dos homens são “criadas” mediatamente, isto é, pela mediação dos pais, assim como podemos falar também de árvores e animais como objetos criados. Mas esses objetos criados no meu jardim foram mediatamente criados através de sementes ou rebentos de plantas anteriores.

Charles Hodge nesse ponto refere-se ao seu capítulo sobre pecado original como uma defesa mais explícita do Criacionismo e a dificuldade com a criação imediata de almas pecaminosas por parte de Deus. Essa referência eu tomei das páginas 222ss., e talvez também da página 253. Mas nada disso o livra de sua duplicidade. Na última página ele admite: “Além disso, é um fato universalmente admitido que o caráter, dentro de certos limites, é transmissível de pais para filhos. Cada nação, tribo separada, e até mesmo cada família ampliada de homens, tem suas peculiaridades físicas, mentais, sociais e morais que são propagadas de geração a geração”. Mas se Deus cria imediatamente a alma da criança, nenhuma característica mental ou moral pode ser propagada.

A seção anterior é igualmente insatisfatória. Seu subtítulo é “Realismo: Nenhuma Solução para o Problema do Pecado Original”. A deficiência principal em seu argumento é que o Traducianismo, como uma teoria da origem da alma, nunca reivindica explicar o pecado original. Ele é uma visão da origem das almas dos descendentes de Adão e Eva. Além disso, pode ser adicionado que a derivação das almas das crianças de seus pais une-se belamente à escolha que Deus fez de Adão como o cabeça federal delas. Isso teria sido assim mesmo que Adão não tivesse pecado. Mas enquanto o Traducianismo e o pecado original estão relacionados, pois todas as doutrinas estão de certa forma relacionadas num sistema, a última deve receber sua própria explicação. Ou, como outro exemplo, a expiação como tal não é uma explicação da nossa santificação. Nem os sacramentos explicam nossa ressurreição no retorno de Cristo. Por conseguinte, a tentativa de Hodge de refutar o Traducianismo ou Realismo, sobre o fundamento de que ele não resolve o problema do pecado original, é insignificante.

Todas essas páginas (222ss.) refutam o Traducianismo. A principal razão é que Hodge está ardentemente se opondo ao Realismo. De fato, seu argumento contra o Realismo começa duas páginas antes. Uns poucos parágrafos atrás eu levantei várias objeções contra os argumentos de Hodge. Talvez mais uma seja permitida e suficiente. “O Realismo... subverte a doutrina da Trindade de uma tal forma que faz o Pai, o Filho e o Espírito Santo serem um Deus somente no sentido no qual todos os homens são um homem. As pessoas da Trindade são um Deus, pois elas são um em essência ou substância; e todos os homens são um homem porque eles são um em essência. As respostas que os trinitarianos realistas dão a essa objeção são insatisfatórias, pois eles assumem a divisibilidade, e conseqüentemente, a materialidade do Espírito” (222).

Essa citação consiste de três sentenças. A primeira sentença é duvidosa. Hodge não cita nenhum autor. Naturalmente, as Pessoas da Trindade são uma no sentido que todos os homens são um e todos os cavalos são um; mas isso não significa que as três Pessoas são uma somente nesse sentido. Por exemplo, três seres humanos têm três vontades, mas as três Pessoas têm apenas uma vontade. Por conseguinte, a diversificação dos seres humanos não é idêntica à diversificação das Pessoas, por cuja razão não podemos afirmar que as duas unidades são completamente idênticas. A segunda sentença parece-me ser totalmente verdadeira e, portanto, não há nenhuma objeção. A sentença três levanta uma objeção e oferece uma suposta resposta. Os realistas, diz Hodge, assumem a divisibilidade da essência e a materialidade do Espírito. Hodge coloca o S em maiúsculo. Agora, se o pagão Platão era pior do que os cristãos realistas, ele deve ter afirmado ainda mais a divisibilidade da essência. Contudo, na verdade ele a ridicularizou. Hodge nunca leu Parmênides de Platão? E supor que cristãos traducionistas ou cristãos realistas ensinam a materialidade do Espírito, seja do Espírito Santo ou do espírito humano, é ridículo. Os traducionistas são traducionistas porque eles crêem que não somente os corpos das crianças são derivados dos corpos dos seus pais, mas também suas almas imateriais são igualmente derivadas das almas imateriais de seus pais.

Querido leitor, permita-me adicionar uma consideração pessoal. Eu considero Charles Hodge de longe o melhor de todos os teólogos americanos. Mas sua filosofia do senso comum escocês foi fortificada com muito *usquebaugh*⁹ antes dele bebê-la.

Buswell e Berkhof

J. Oliver Buswell, Jr. defende o Criacionismo de uma forma muito desafortunada. Em sua *Systematic Theology of the Christian Religion* (Zondervan, 1962, Vol. I, 250-252), ele fala três vezes de Cristo tendo sido nascido com um corpo sem pecado: “O corpo de Cristo era perfeitamente sem pecado”. Nada é dito sobre uma alma sem pecado. Isso é peculiarmente estranho, pois, contrário à doutrina ortodoxa, Buswell ensina: “Ele, isto é, seu eterno ser pessoal, sua alma, se tornou uma pessoa humana, uma alma humana, sem em nenhum sentido cessar de ser uma pessoa divina, uma Alma divina” (251). Mas isso parece ser Nestorianismo, a menos que Buswell queira aniquilar a Pessoa divina, e outros criacionistas não se agradariam com essa defesa da doutrina deles.

Essa seção concluirá agora com uma revisão das objeções levantadas contra o Traducionismo por Louis Berkhof (*Systematic Theology*, 197-201). Berkhof começa com uma declaração pequena, mas muito justa do Traducionismo, incluindo algumas das suas passagens escriturísticas de apoio. Ele refere-se somente a um versículo em favor do Criacionismo, a saber, Salmo 104:30. Mas se esse versículo ensina o Criacionismo, segue-se que as almas de todos os animais e todas as plantas são também criadas imediatamente. Agora, é verdade que o Antigo Testamento atribui almas e espíritos aos animais, e se um criacionista deseja aceitar o ponto, então ele é consistente. Aqueles que se opõem à teoria do traducionismo no caso dos seres humanos, mas o negam com respeito aos animais, são inconsistentes. Um ponto interessante, se inconcludente. Mas isso certamente mantém Deus ocupado, criando.

⁹ Nota do tradutor: A palavra “whisky” é uma abreviação ou corruptela de “uisge beatha” ou “usquebaugh”, ambos termos gaélicos que querem dizer “água da vida”.

A primeira objeção de Berkhof é apenas meia objeção. Ele começa apelando à simplicidade e indivisibilidade da alma, e conclui que as almas dos pais não podem se dividir para fazer uma nova alma. Ele não oferece nenhum apoio escriturístico para isso; e, como previamente observado, a alma de Eva parece ser um exemplo contrário. A segunda parte da primeira objeção é uma pergunta: A nova alma é originada do pai ou da mãe, ou de ambos? Os teólogos medievais, como eu tenho ouvido, sustentavam que o corpo vem da mãe e a alma do pai. Que ela vem de ambos é mais plausível. A alma de Eva foi certamente um caso especial; a alma humana de Cristo não poderia ter vindo somente de Maria. Esse foi também um caso especial e milagroso. Mas a incapacidade de responder essa pergunta não é nenhuma refutação ao Traducianismo, especialmente se a Escritura favorece o fato.

Berkhof enfatiza essa pergunta em sua segunda objeção ao afirmar que se a nova alma está potencialmente nas almas dos pais, o Traducianismo deve ser uma forma de materialismo. Isso é totalmente sem sentido. Ele também adiciona que isso faria dos pais criadores. Mas visto que ele não pode negar que os corpos dos bebês vêm de seus pais, ele deve, se consistente, reconhecer que os pais são de fato criadores dos corpos. É estranho como um teólogo verdadeiramente inteligente pode ser tão irracional. A terceira objeção não é uma objeção de forma alguma: ela é algo que os traducianistas admitem, de fato afirmam, e usam como uma objeção contra o Criacionismo. Berkhof diz: “(3) Ela procede da suposição que, após a criação original, Deus opera somente mediatamente” (198). Isso, contudo, não é precisamente uma suposição: ela é uma exegese da Escritura.

Berkhof também argumenta que Deus não age mediadamente na regeneração, mas cria imediatamente uma nova alma. Agora, é verdade que o apóstolo fala sobre um novo homem e até mesmo uma “nova criatura” (2 Coríntios 5:17; Gálatas 6:15). Mas se a palavra grega nesses dois versículos for entendida como o *bara* usado em Gênesis, teria vindo à existência, *ex nihilo*, uma outra pessoa; e em tal caso o próprio não seria essa pessoa. Uma pessoa deve lembrar que a regeneração, nas epístolas, é usualmente chamada de uma ressurreição. A ressurreição permite que o indivíduo pecador permaneça o mesmo. Bem, re-generação também. Criação *ex nihilo* criaria uma outra pessoa.

A quarta objeção é uma que tem se tornado muito familiar para nós através dos Hodges. Traducianismo é Realismo, e Realismo é algo ruim. Sem repetir os argumentos filosóficos sobre as espécies, proposições universais e imagens não-existentes, negamos – sobre a base de argumentos já dados – que o Traducianismo “falha em dar uma resposta satisfatória à questão do porquê os homens são considerados responsáveis pelo primeiro pecado de Adão, e não pelos seus últimos pecados, nem pelos pecados do restante dos seus antepassados [sic]”. Esse assunto aparecerá novamente na discussão sobre soberania.

A quinta e última objeção de Berkhof é igualmente defeituosa. Resumindo, ela diz que o Traducianismo resultaria em Cristo ter uma alma humana depravada. Mas isso assume que Adão era o representante e cabeça federal de Cristo. Esse, contudo, não é o caso; e a Confissão de Fé de Westminster explicitamente rejeita isso: “... a culpa desse pecado foi imputada a seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária” (VI, 3). Incidentalmente, o verbo transmitir sugere o Traducianismo. O nascimento de Cristo foi miraculoso e não estava sob a regra universal imposta sobre todos os outros nascimentos.

Berkhof então argumenta a favor do Criacionismo, primeiro sobre uma base exegética. Eclesiastes 12:7, “e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”, indica “origens diferentes” para alma e corpo. Isso não é surpresa: Gênesis 2:7 também o diz. Mas nem o versículo especifica o modo de propagação. Deus formou imediatamente a partir da terra um corpo para Adão; isso significa que Deus imediatamente faz o mesmo para cada indivíduo? Como Isaías 45:2 se encaixa na teoria de Berkhof é difícil dizer. Zacarias 12:1 diz que Deus “forma o espírito do homem dentro dele”. Mas Amós 4:13, com o mesmo verbo hebraico, diz: “Porque é ele [Deus] o que forma os montes, e cria o vento”. Deus cria imediatamente cada vento que sopra do Canadá para nos esfriar em cada inverno? Deus não formou uma montanha no milharal mexicano uns poucos anos atrás? Ele levou um ano para fazê-la. Hebreus 12:9, que Berkhof cita em seguida, fala de Deus como “o Pai dos espíritos”. Como alguém pode extrair o Criacionismo a partir disso? Ele cita “Delitzsch, embora um traducianista, [como dizendo], ‘Difícilmente pode haver um texto prova mais clássico para o Criacionismo’. Alguém não pode senão perguntar se Delitzsch estava falando sarcasticamente, pois se esse é o melhor texto que os criacionistas podem achar, os traducianistas não precisam ter nenhum medo. Na sociedade antiga judaica, e algumas vezes no inglês americano, o termo pai não significa o pai imediato de um garoto. Abraham Lincoln disse: “Há oitenta e sete anos, os nossos pais...”.¹⁰ Os judeus frequentemente se referiam à Abraão como o pai deles (João 8:39). Se o versículo tem qualquer referência à origem das almas, ele sugere o Traducianismo, e não o Criacionismo. Berkhof realmente apresenta seu caso adicionando ao versículo de Hebreus 12:9 a passagem de Números 16:22, que diz meramente que Deus é o Deus dos espíritos de toda carne. Bem, certamente; Deus é o Deus de todo o universo.

O segundo argumento é o ponto filosófico de que embora o Criacionismo reconheça “a natureza imaterial e espiritual, e, portanto, indivisível da alma do homem... A teoria traduciana, por outro lado, apresenta uma derivação de essência, a qual, como geralmente admitido, implica necessariamente na separação ou divisão da essência”. Essa é uma representação incorreta do Realismo, uma que a Parmênides ridiculariza. Talvez Berkhof esteja pensando em Tertuliano. Mas Tertuliano – embora um cristão, e uma pessoa importante no desenvolvimento da doutrina da Trindade – era, estranhamente o suficiente, um materialista. Pouquíssimos cristãos têm sido materialistas. O próximo em quem posso pensar foi Thomas Hobbes no século dezessete. Mais recentemente, o behaviorismo tem feito progresso nas faculdades cristãs; mas claramente isso não é Cristianismo. De qualquer forma, Shedd e outros não foram materialistas.

A terceira e última objeção diz respeito à Cristologia e argumenta que o Traducianismo deve fazer de Jesus culpado pelo primeiro pecado de Adão. Isso foi refutado anteriormente, e algumas elucidacões aparecerão na seção seguinte, ou seja, *Soberania*.

¹⁰ Nota do tradutor: Discurso proferido por Abraham Lincoln em 19 de Novembro de 1863, na cerimônia de inauguração do Cemitério Militar de Gettysburg, no local onde se tinha dado a batalha do mesmo nome.